O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto Agência Havas

ANO 35.º — N.º 1326
Sábado, 4 de Abril de 1942
VISADO PELA CENSURA

PRODUZIR E POUPAR

O Govêrno português continua activo e vigilante na sua louvavel e benéfica preocupação de evitar o mais possível o desequilíbrio entre a produção e o consumo, factor decisivo para provocar a desordem interna dum país.

A tarefa do Govêrno não é das menos árduas e espinhosas.

Pelas medidas tomadas, pelos estudos empreendidos, pelas soluções levadas à prática, pela propaganda realizada, o Govêrno revela claramente ter um alto pensamento político sôbre a vida económica da nação, que se pode traduzir nesta sóbria legenda—*Produzir o máximo, gastar o mínimo.*

Os problemas económicos sempre foram e continuam a ser dos mais complexos, que os govêrnos têm a enfrentar e de procurar resolvêr.

Mesmo em tempo de paz, êles demandam porfiados esforços, incessantes cuidados e permanente rectificação.

Na guerra as dificuldades aumentam assustadoramente. E quando as guerras são demoradas, essas dificuldades agravam-se e multiplicam-se em proporção geométrica.

A prudente, leal e esclarecida política de neutralidade, tem-nos preservado dos horrores da guerra.

Mas sob o ponto de vista económico não podemos deixar de sofrêr as suas repercussões e o agravamento provocado pelo cerceamento da navegação.

Por êstes motivos, tornou-se verdadeiramente legítima e necessária a intervenção do Govêrno na vida económica, para disciplinar, quer a produção, quer o consumo.

A intervenção dos govêrnos na organização económica dos povos, como supremo responsável pelo bem comum, tornou-se um princípio orgânico das modernas ideologias autoritárias e nacionalistas.

Se outras razões não houvesse, a guerra, o agravamento, a demora e a extensão da guerra, justificam e justificarão plenamente a intervenção do Estado para corrigir todos os desmandos e obviar a tôdas as necessidades sociais.

Mas o pensamento, os cuidados e a acção meritória do Estado precisa de ser acompanhada pelos próprios orgãos da produção, pelos seus elementos coordenadores e pelos próprios particulares, que, executando e cumprindo as directrizes do Govêrno, se tornam seus colaboradores fieis e conscientes.

Produzir, produzir o máximo e poupar, poupar o máximo possível, são os imperativos alucinantes da hora presente.

Imperativos do Estado, imperativos da sociedade e imperativos da própria consciência individual.

Todos devem seguir rigorosamente as instruções e as solicitações do Govêrno. E' um dever de nobre patriotismo, é um dever de que se possui a consciência exacta da gravidade económica que o país atravessa, reflexo da gravidade geral da Europa e do Mundo, que ainda pode alastrar mais a sua veemência e a sua mancha de sacrifícios.

Esse alto dever cívico não exclui o sentimento da solidariedade—contem no e impõe-no mesmo.

Hoje umas das obrigações morais, é não encarar o económico, sob o ponto de vista de exclusiva expressão material, mas vêr nêle instrumentos e meios postos ao serviço da pessoa humana.

O homem, o nosso semelhante, o filho de Deus, é a medida superior e justa de tôdas as coisas.

A economia tem de servir o homem, tem que *vêr* o homem, isto é: tem de ser posta ao serviço da família, da comunidade e do social.

J. CARREIRA

BOAS-FESTAS

«O Democrata» deseja-as a todos os amigos — e tantos êle conta! — assinantes, colegas, colaboradores e anunciantes, muito estimando que no lar de cada um reine, ao menos, uma relativa felicidade, já que alegria não pode haver na hora incerta que o mundo atravessa.

IMPRENSA

Arquivo do Distrito de Aveiro

Saiu o n.º 28 desta publicação trimestral em que figuram como directores os srs. António da Rocha Madail, dr. Ferreira Neves e dr. José Pereira Tavares, que insere colaboração firmada por Joaquim Leitão, Fernando da Silva Correia e Rocha Madail, focando assuntos de interêsse histórico. E assim conclue o 7.º ano de existência o *Arquivo do Distrito de Aveiro* com muita honra para os que meteram ombros à emprêsa e proveito de quantos nela podem encontrar valiosos elementos de estudo.

O Mundo Português

Recebemos os n.os 98 e 99 da revista de cultura e propaganda, arte e literatura coloniais, que sai mensalmente em Lisboa sob a proficiente direcção do sr. dr. Augusto Cunha.

Vêm recheados de leitura apropriada à sua indole, contendo também algumas gravuras.

O TEMPO

Foi-se o *marçagão*, que se portou, êste ano, como um cão, não deixando saüdades. Mas dizem que em Abril *queima a vêlha o carro e o carril*, ninguém devendo estranhar que ainda caiam águas mil...

Estamos para ver.

Bispo do Porto

Morreu, no domingo, com 57 anos, o sr. D. António Augusto de Castro Meireles, tendo-se o funeral realizado quarta-feira com a presença das altas individualidades do Estado e da Igreja católica.

O sr. D. António de Castro Meireles era uma figura simpática e que se ouvia com agrado quando falava em público.

Semana Santa

Decorreram sem qualquer nota de interêsse a recomendá-la, como outrora. E o mesmo deve acontecer às festas da Páscoa, que lhe sucedem.

Os aveirenses puzeram tudo isso em plano secundário. Nem dentro das igrejas, nem fora, as solenidades mostraram a mais pequena centelha de brilho que se pudesse comparar com o passado. Enfim, a decadência, aliás notada já por nós nos anos anteriores e que cada vez se acentua mais.

Na Gafanha

Consta-nos que foi ante-ontem de tarde lançado à água um novo arrastão, há pouco acabado de construir nos estaleiros do mestre Manuel Maria Mónica e que se destina à pesca do bacalhau, que dentro em breve se inicia.

Bôa fortuna.

Comércio mal regulado

—x—

O clamor é geral, surge de todos os lados contra o regimen de abastecimento de açúcar, arroz e bacalhau, principalmente.

As *senhas* são uma coisa que ainda veio embrulhar mais a situação.

Isto não corre bem, nada bem, estando a sofrer muito com a falta daqueles artigos os comerciantes e os consumidores—brada um colega.

E nós acompanhamo-lo.

Consta que há comerciantes que negoceiam as senhas, de tantas que a alguns são distribuídas! Outros vendem açúcar a 9 e 10$00 a quem dele mais necessita.

Estamos em presença duma alcateia de lobos famintos... por dinheiro.

O Govêrno precisa de tomar providências enérgicas, precisa de organizar uma batida em forma contra a especulação, contra a ganância, contra o abuso inclassificável dessa gente sem escrúpulos.

Pouca vergonha!

Infâmia!

Nada de contemplações com semelhante gente, indigna do género humano!

CARTAS

Abril, 1942

Minha querida:

Aproximam-se os dias tristes da Semana da Paixão. Comemora a Igreja os tormentos de Jesus, vive passo a passo a sua Via Dolorosa, feita de bondade e de sofrimento.

Estamos na Primavera e embora ela com a sua poesia e a sua beleza tudo alinde e tudo encante; embora haja sol a jorros, flôres por tôda a parte; embora ela tudo esmalte com os mais brilhantes e policromos matizes, anda no ar, nos dias da Paixão, uma melancolia inexplicável, que contagia.

Os crentes, vestidos de negro, entram nas igrejas, despidas de galas e vestidas de roxo, e o aspecto triste delas e essa melancolia que se sente, embaciando a rutilante Primavera e talvez a ancestralidade dêstes dias — vinte séculos não passam sem deixar rasto — dão a crentes e a ateus a mesma impressão de tristeza.

Passam os dias fúnebres da agonia e da morte de Jesus... E os toques alegres dos sinos, anunciadores da Aleluia e da Subida ao Céu, dissipam, como por encanto, o véu triste que envolvia a Natureza.

Lá vem o Domingo de Páscoa, cheio de chilreios, florido e alegre, e o velho cura da aldeia, por montes verdes e imponentes e por vales imensos, leva a todas as casas a bênção de Cristo Ressuscitado. E os sinos tocam alegres e os passaritos cantam contentes e o sol brilha mais e as flôres têm perfumes mais inebriantes...

Páscoa — como és poética!

O manto branco, de alvura imaculada e triste, que envolvia a Natureza pela altura da Natividade, dissipa-se, funde... E éste outro, policromo e alacre, matizado de rico bordado, alegra, satisfaz...

A Páscoa florida é bem uma promessa e um encorajamento que Deus dá aos homens. Todos têm de sofrer e de viver dias tristes, cinzento muito escuro, dias de Paixão. Mas eis que nessas trevas espêssas surge um raio de luz, que as vai dissipando, até as tornar límpidas e alegres como um Domingo de Páscoa.

A própria vida, esta existência que arrastamos com seus cambiantes vários, com os seus altos e baixos, é bem o símbolo desta festa—Paixão umas vezes, Páscoa tantas outras.

Um abraço da

Zèmi

«O PÁTIO DAS CANTIGAS»

Começa hoje à noite a exibir-se no *écran* do teatro, repetindo-se àmanhã, duas vezes, o filme português com o nome da epígrafe.

A crítica tem-se dividido a seu respeito.

De que lado estará a razão?...

Recreio Artístico

Comunica-nos a Direcção desta antiga colectividade local que a ceia de confraternização que se devia realizar hoje à noite, por inscrição, entre os seus associados, ficou transferida, possivelmente, para o dia 1.º de Maio.

A quem interessar aqui fica a comunicação sôbre o adiamento.

Desaparecido...

Dão-se alvíçaras a quem souber ou venha a descobrir o paradeiro dum lindo e afamado pintassilgo que tocava o sino, tirava água para beber e contava os cabelos de certa careca...

Tinha a sua residência no Largo 14 de Julho, mas a ânsia de liberdade fê-lo esquecer a estimação que lhe votavam e daí o fugir, voar, desaparecer...

Ingrato!...

De relance...

Gomes de Carvalho é um antigo livreiro de Lisboa, com casa na Avenida Almirante Reis, e que, como republicano do tempo da propaganda, arriscou a sua liberdade e a sua vida e gastou bastante dinheiro. Hoje, é um vêlho, alquebrado, mas ainda trabalha, talvez por ter necessidade disso. E publicou um novo catálogo de alguns livros postos à venda na sua *Livraria Central*, catálogo que abre com ligeiras notas sôbre a sua actividade política desenvolvida durante os trabalhos revolucionários anteriores ao 5 de Outubro, para pôr em evidência a ingratidão, o esquecimento dos que se diziam seus amigos, aplicando-lhes o desabafo de Camilo ao mandá-los para o Inferno por lá os esperarem as mãis que os... geraram...

Sim, senhor. Do mesmo mal se queixam outros, Gomes de Carvalho. A República foi um maná para os adversários. Êsses bem se governam. De convicções elásticas e sem escrúpulos de qualidade alguma, estão como querem. Mas os verdadeiros culpados já o pagaram. Por isso, adiante. Haja saúde...

O DEMOCRATA vende-se no Kiosque da Praça Marquês de Pombal—AVEIRO.

O tradicional mercado do Rossio

prossegue mais ou menos animado

A Feira de Março do ano de 1942 lá vai indo, lá vai singrando, não obstante notar-se pouca concorrência de forasteiros devido à falta de transportes. Todavia, algum negócio se tem realizado, havendo feirantes que até estão contentes, por não esperarem tanto.

No domingo de tarde o recinto animou-se extraordinàriamente. E o povo gozou e divertiu-se nos fogares próprios, enchendo o Circo Anastasini, viajando nos automóveis eléctricos, no Carrossel, no Combóio Fantasma e frequentando tudo o mais que há para ver, para admirar. Um pormenor digno de registo: só o Casal, das farturas, vendeu, nesse dia, tanto como 4.000, apurando, no artigo, 1.200$00!

Mas a Feira continua ainda, visto ser de uso fechar em 20 do corrente. Nada de desânimos. Haja esperança. A's vezes as coisas modificam-se e compõem-se, mudando de fisionomia. *Até ao lavar dos cêstos é vindima...*

Estamos em plena Primavera e, segundo consta, vai sofrer modificação o horário dos Caminhos de Ferro da Companhia Portuguesa, trazendo vantagens para esta cidade. Confiemos, pois, no que está para vir, mostrando que sabemos ser fortes na adversidade...

Estátua de José Estêvão

Aveiro — ninguém o contesta — tem pela memória dêsse gigante da palavra que se chamou José Estêvão Coelho de Magalhães, uma grande veneração e um respeito sem igual. Por isso é justo que a estátua que se ergue ao inconfundível tribuno, na Praça da República, não seja votada ao abandono e que se olhe com mais carinho e se cuide com mais interêsse pela sua conservação.

Vem isto a propósito dum pequeno livro de pedra, que se encontra aos bocados, despedaçado, sôbre aquela parte do pedestal, em frente ao vélho edifício dos Correios e que tem causado reparos a quem, com olhos de ver, se detém a admirar aquele edificante quadro...

Não está certo.

Lembremo-nos que José Estêvão é um vulto de superior grandeza na história de Portugal.

Agostinho de Sousa

—o—

O *Diário do Govêrno* de 27 do mês findo publica a nomeação dêste nosso presado amigo para o lugar de director da Escola Comercial de Patrício Prazeres, de Lisboa.

Se bem nos lembra, é pela terceira vez que o professor Agostinho de Sousa exerce a directoria de uma Escola, sendo a primeira, há alguns anos, nas Caldas da Rainha, dentro da Escola Indussrial e Comercial de Rafael Bordalo Pinheiro, onde se fez sentir notàvelmente a sua acção, conforme os jornais da época referiram encomiàsticamente; a segunda, em 1931, também na Escola Comercial de Patrício Prazeres, onde prestou relevantes serviços, sendo louvado em portaria ministerial. Hoje, volta o professor Agostinho de Sousa a dirigir essa mesma escola, que é das mais frequentadas do país, pois tem para cima de 1.400 alunos.

Porque conhecemos de perto aquele nosso amigo, atravez do seu grande valor mental e moral e que nesta cidade tem muito boas amizades e dedicações, daqui lhe enviamos os nossos parabens e votos de felicidade no seu novo e honroso cargo.

Transferência

De Castelo de Paiva, onde esteve a chefiar a Secção de Finanças do concelho, veio para Oliveira do Bairro o sr. Rodrigo Ferreira, que é filho dum conterrâneo nosso, há anos falecido — o sr. Evaristo de Morais Ferreira.

Muito estimamos que continue a impor-se como funcionário de Finanças, grangeando as maiores simpatias.

RUA CASTRO MATOSO

E' também das artérias que necessitam a intervenção da Câmara. Aquele inestético arvoredo não tem razão de ali existir e o muro vêlho e denegrido, em frente ao Quartel de Infantaria 10, precisa uma barrela para ficar com aspecto mais limpo. Depois trate-se da restauração dos *passeios* que quási se não enxergam e hão-de ver que a rua ficará mais airosa e com outra fisionomia.

Há coisas que resaltam à vista e que nunca devia ser preciso lembrá-las...

Almanaque de Fafe

Editado por Artur Pinto Bastos, nosso colega de *O Desforço*, que há perto de 50 anos se publica na terra da... *Justiça*, recebemos o apreciável volumezinho que teve a gentileza de nos oferecer e que além dos conhecimentos úteis, insere chistosas anedotas, versos e muitas ilustrações, reproduzindo, algumas, os principais aspectos da linda vila minhota.

O *Almanaque de Fafe* é, no género, o que de melhor conhecemos. Artur Pinto Bastos, editando-o há 34 anos, tem feito nele a mais útil propaganda do seu concelho, visto nos dar, como ninguém, proveitosas lições de regionalismo.

Já um dia tentámos imitá-lo, mas quê? — a linha quebrou ao enfiar... E' que um almanaque, nas condições do de Fafe, não representa só trabalho: deve custar muito dinheiro e — temos quási a certeza — o comércio e as indústrias de Aveiro não correspondem ao sacrifício. De aí a desistência e a mágua de não podermos acompanhar o colega nos mesmos anseios que o têm animado a prosseguir na tarefa de elevar ao máximo a sua terra natal.

Aceite Artur Pinto Bastos os nossos agradecimentos pela cativante oferta com que, mais uma vez, nos obsequiou.

Lampreias

Louvado seja Deus: muito felizes são alguns povos!

Imaginem: nos rios Douro e Tâmega a pesca da lampreia tem sido tão abundante que os apreciados *ciclóstomos* se amontoam, às pilhas, dentro das *naceiras* e dos *côvos*!

Há pescadores que, entre dia e noite, apanham 500!

Dizem não haver memória duma fartura igual. Resultado: cada peixe vender-se-a 5$00 e ainda menos!

Assim é que é um regalo come-las...

Sabem melhor...

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, a sr.ª D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do sr. António da Costa Ferreira, e a menina Maria Manuela de Azevedo, filha do sr. Manuel Seabra de Azevedo, nosso dedicado assinante em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); no dia 6, a sr.ª D. Branca Augusta Gomes Guimarãis, esposa do sr. dr. Francisco do Vale Guimarãis e filha do sr. Alberto Gomes, da Sociedade dos Vinhos Scalabis, L.da, e o sr. Gil Ferreira da Silva; em 7, a sr.ª D. Maria da Luz Martins Lima Pinto, esposa do sr. António José Pinto, do Porto; em 8, as sr.as D. Virgínia Serrão Alvarenga e D. Emília de Oliveira Dias, esposas, respectivamente, dos srs. Pompeu Alvarenga e José da Paula Dias; em 9, a sr.ª D. Maria La-Salette Sarabando Vinagre, esposa do sr. do sr. Manuel Moreira Vinagre; a menina Maria de Pinho Gilvaz, irmã da sr.ª D. Rosa Gilvaz Magalhães, residentes no Rio de Janeiro (E. U. do Brasil), e o sr. Alvaro da Rosa Lima, 1.º oficial do ministério da Marinha.

Gente nova

Deu à luz uma menina a esposa do nosso assinante sr. Pábio Marques de Lemos, que de Lisboa, onde reside, veio aqui passar algumas semanas.

Parabens.

Partidas e Chegadas

Encontram-se entre nós a passar as férias da Páscoa os srs. dr. Jaime de Melo Freitas, desembargador da Relação do Porto; dr. Carlos Vilas Boas do Vale, juiz de Direito em Caminha; dr. Henrique da Rocha Pinto e Luís Peixinho, residentes em Lisboa; Manuel Cação Gaspar, em Penafiel; Jaime Martins Lima, Fausto M. Lima e Manuel Maia Júnior, funcionários de Finanças, respectivamente, em S. Pedro do Sul, Penedono e Anciāo, e o sr. Leodgário Augusto de Bastos, empregado nos escritórios de Via e Obras da C. P. no Barreiro.

— Também aqui estiveram os srs. major Joaquim Geraldes, residente em Coimbra; João Godinho de Almeida, empregado no Banco Borges & Irmão, do Porto; Nuno Meireles, da casa Agôstinho Ricon Peres, da mesma cidade; Sebastião Trancoso, agente da Caixa Geral de Depósitos em Figueiró dos Vinhos; Agostinho dos Santos Jorge, professor em Ovar; Manuel Simões Carrelo Júnior, de Cacia e Antônio Augusto Martins, empregado nos escritórios da Vacuum Oil Company, de Coimbra.

Filmes...

TENDO a Direcção do Jardim Zoológico de Copenhague resolvido conceder a entrada gratuíta a todos os indivíduos que tivessem como apelido o nome dum animal, sucedeu que só em dois dias se apresentaram a beneficiar dessa ideia genial, nada menos de 862 Gatos, 526 Formigas e um número incalculável de Leopardos, Leões, Camelos, Galos, Peixes, etc., que encheram o recinto até mais não. Valeu aos outros visitantes tratar-se de animais que primam pela mansidão...

O maior livro existente no mundo possuem-no os suecos. Compõe-se — dizem — apenas de fôlhas em branco, cada uma das quais medindo um metro quadrado, pesa 547 quilos e, fechado, tem uma grossura de 40 centímetros. Destina-se — querem agora saber a quê? — a um armazém de especialidades farmacêuticas e é para arquivar os testemunhos dos clientes curados, graças aos seus rèclames ou indicações médicas.

Só assim, num gigante dêstes, tantas são elas em tôda a parte.

Querem lá ver que ainda ultrapassam o saboroso bacalhau sueco?..

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

Pelo Liceu

Por concurso, foi transferido para o Liceu de Eça de Queiroz, da Povoa de Varzim, o professor Octávio Henrique de Carvalho, que no nosso primeiro estabelecimento de ensino exerceu o magistério durante uma dezena de anos.

Contava nesta cidade inúmeras simpatias.

Queima das Fitas

Veio ao nosso encontro o aluno da Universidade de Coimbra, sr. Florentino Rocha, que, na sua qualidade de presidente da Comissão de Propaganda da Queima das Fitas, cujas festas se realizam de 23 a 28 de Maio, nos solicitou para a acompanharmos, como porta-voz das suas iniciativas, o concurso do *Democrata*.

Inteiramente ao dispor da rapaziada coimbrã.

Atenção para a 4.ª página

NECROLOGIA

Com 81 anos, morreu, na madrugada de segunda-feira, o antigo empregado do Matadouro Municipal, Luís Gomes, que durante muito tempo viveu no Alboi.

Vitimou-o uma hemorragia cerebral, tendo-o acompanhado ao cemitério novo numerosas pessoas.

Era viuvo, deixando quatro filhos a quem enviamos condolências.

* * *

Também, com idade avançada, deixou de existir, na terça-feira, a sr.ª D. Ana da Costa Carvalho Guimarãis, natural de Oliveira de Azemeis, e viuva do sr. dr. Bento Ferreira da Silva Guimarãis, há treze anos falecido naquela importante vila do nosso distrito.

A veneranda senhora, que aqui vivia na companhia de seu filho e nora, o sr. Alvaro Ferreira da Silva Guimarãis e D. Maria José da Cunha e Costa Marques Mano Grimarãis, desaparece aos estragos duma bronco-pneumonia a que o organismo não conseguiu resistir.

O seu cadáver foi sepultado no cemitério novo, aonde a acompanharam diversas pessoas, nomeadamente o sr. dr. João Moreira, delegado do I. N. T., que conduziu a chave da urna.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

* * *

Ontem, de madrugada, finou-se na sua residência da Rua Direita, o sr. José do Nascimento Ferreira Leitão, que ali fôra estabelecido com mercearia. Tinha 91 anos, era viuvo e pai dos seguintes filhos: D. Conceição Leitão Videira, D. Margarida Leitão Lobo, D. Alda Leitão, Manuel Ferreira da Rocha Leitão e o coronel-médico dr. António do Nascimento Leitão; avô do esclarecido clínico local, dr. Humberto Leitão; irmão do sr. padre João Ferreira Leitão e sogro dos srs. Firmino Videira, Artur Lobo e António Rezende.

O funeral do extinto realiza-se hoje, às 18 horas, para o cemitério Central.

Acompanhamos tôda a sua numerosa família no luto que a envolve.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Adelino de Sousa Estima, de 20 anos, soldado de Cavalaria 5, filho de Joaquim Simões de Sousa, natural de Segadães (Agueda), e na *Quinta do Picado*, Rosa de Jesus Maia, viuva, de 90 ano.

Carta de Lisboa

Presidente da República

Á medida que se aproxima o dia 15 de Abril, data marcada para o início do terceiro período presidencial do sr. General Carmona, vai aumentando o entusiasmo pela grande manifestação nacional, que os municípios de todo o país resolveram fazer ao venerando Chefe do Estado.

O sr. Presidente da República, que ainda há dias, quando da passagem de mais um aniversário da sua primeira eleição para a suprema magistratura, teve nova ocasião de verificar o que é a veneração, o respeito acendrado, que todo o país lhe dispensou, vai, no próximo dia 15, sentir, certamente, e mais uma vez, que é êle o Chefe querido e livremente escolhido da nação.

Portugal, de norte a sul, virá, nesse dia, afirmar, novamente, o seu muito respeito, a sua nunca desmentida admiração pela figura ilustre que a Providência quiz dar-nos, a-fim-de presidir aos nossos destinos.

Política peninsular

A festa da distribuição dos prémios literários de 1941, recentemente realizada, foi mais um ensejo para António Ferro afirmar a grande e estreita amizade que une Portugal à Espanha.

A propósito do Prémio de *Camões*, que, êste ano, coube ao escritor espanhol, D. Jesus Pabon, o Director do S. P. N., depois de fazer o merecido elogio da *Revolução Portuguesa*, sublinhou muito acertadamente e lucidamente:

«Obra fraterna, portanto, obra que nos comove pela sua própria intimidade, pelo seu à-vontade, mais um apêrto de mãos da amizade peninsular, mais um passo da nossa política atlântica. Para nos defendermos dos ventos, que continuam a rugir para além das muralhas da Península, para além do Pireneus, para cortarmos as amarras, que nos prendem ao velho Mundo, temos de olhar cada vez mais para dentro de nós próprios, esquecer o que nos separou para só nos lembrarmos, apenas, do que nos separa.»

Palavras da maior e mais evidente verdade, merecem bem ser ouvidas e meditadas por todos os portugueses, por todos os que vêem ainda na amizade peninsular um grande e indestrutível factor de Paz.

A boa doutrina

O *Diário da Manhã* insistia, há pouco, em editorial, na necessidade de todos os portugueses se entregarem a uma única e exclusiva propaganda — a de Portugal.

Depois de referir a frase de Salazar — *Todos não somos demais para continuar Portugal* — aquele órgão da imprensa sublinha: Que os estrangeiros façam a sua propaganda, estão no seu papel; desde que não se excedam; nada teremos a censurar-lhes. Mas nós, portugueses, só uma propaganda devemos conhecer e servir: a nossa.»

Palavras mais do que certas, certíssimas, elas devem ser bem meditadas.

Se a protecção de Deus e o génio de Salazar nos têm livrado do sangrento conflito, não estaria certo que nós, por nossas mãos, arranjássemos situações que nos dividissem, aparecessemos empunhando estandartes que não são nossos.

A guerra deve, evidentemente, interessar-nos, até pelo que nos pode dizer respeito. Mas só por isso e não para tomarmos, desnecessária, inútil e perigosamente, partido em assunto no qual Deus, por sua graça, nos não quiz meter.

CORDEIRO GOMES

A bem da saúde

Médico amigo — Banho de sol... à roupa!

O poder da indiferença ou dos hábitos adquiridos

IV

Em companhia da família, veio passar certo mês de Agosto a Espinho.

Visitei-o diferentes vezes. Numa delas fui encontra-lo, de colete e em mangas de camisa, no páteo cimentado da sua residência, sentado numa cadeira, sob o sol ardente das 15 horas!

Transpirava abundantemente.

Comentei:

— Então é assim que se toma banho de sol, sr. doutor?

— Estou para aqui...

A conversa incidiu logo sôbre outros assuntos... Depois de me despedir, fiquei a meditar naquela estranha maneira de tomar banhos de sol.

Encontrando-nos novamente no dia imediato, preguntei:

— O sr. doutor não crê nos banhos de sol, pois não?

— Ora essa, por que não? Tanto creio que até os recomendo às crianças.

— E aos adultos?

— Aos adultos, não; não se dariam ao incómodo.

— Incómodo?!... Prazer, prazer é que é. Mas por que não hão-de os adultos tomar banhos de sol, se deles precisarem?! O sr. doutor já tomou algum banho de sol na sua vida?

— Não.

— Parece incrível, que quem viveu tantos anos nos Estudos Unidos e viu, nos mêses de verão, milhares e milhares de pessoas a exporem-se, durante horas, as benéficas irradiações solares, nunca quisesse compartilhar dêsse delicioso prazer. Se não ouvesse a declaração de seus próprios lábios, não a acreditaria. Pois fique sabendo que os banhos de sol têm extraordinária influência na normalização do grande simpático, de cujo mau funcionamento V. Ex.ª se queixa.

— Pois sim, mas logo que me vá da praia, já me não será fácil tomar banhos de sol.

— Qualquê! Com quatro paus de dois metros, espetados no chão a distâncias convenientes, e uns metros quadrados de lona para lhes colocar à volta, faz-se um bom solário. Como complemento, uma ou duas esteiras e uma pequena bacia para ablução depois do banho. E das 11 às 13 horas V. Ex.ª não estará em casa para ninguém. Se V. Ex.ª amanhã faltar, os doentes terão de passar sem os seus serviços. Do mesmo modo, e no próprio interêsse dêles, o poderão dispensar durante aquelas duas horas. Todas as casas deviam ter um solário. Fácil é utilizar um quarto nas águas-furtadas para êste fim. Eu gastei apenas 120 escudos a transformar um quarto do andar superior da minha casa num óptimo solário. E' o meu quarto preferido. Nele trabalho horas e horas enquanto exponho a epiderme, desnudada, às salutares dimanações do Astro-Rei. Dada a extraordinária sensação de frio de V. Ex.ª ser-lhe-ia precioso, por causa do inverno, mandar envidraçar com vidro quartzo o solário que mandar construir. Como sabe, esta espécie de vidro não interfere com a passagem dos ráios ultravioletas. E abençoados as centenas de escudos que gastar neste magnifico objectivo, manancial da importantíssima vitamina D.

MANUEL DE SÁ COUTO
Professor-Cultofisópata

A função da Imprensa

Um dos princípios da doutrina do Estado Novo, e que a União Nacional *acata, defende e propaga*, é que «a opinião pública, pela sua influência na administração e destino da Nação, deve ser defendida de todos os factores e causas que a desorientem, com prejuízo da sociedade.»

Ora se a Imprensa é que forma a opinião pública —não nos deixa entender princípio que é obrigação da Imprensa o colaborar com o Estado Novo, em tudo o que é evitar que a opinião pública se perverta ou desoriente? Claro que sim; pois que a opinião pública é considerada elemento fundamental da política do Estado Novo. Acontece, porém, que, sobretudo a grande Imprensa, mais atenção dá aos crimes e aos casos de rua, do que à orientação doutrinal dos leitores, segundo a nossa doutrina. Não será isto positivamente faltar àquela obrigação, tanto mais que hoje, com as graves circunstâncias económicas, o que é preciso são ideias viris, generosidade dos sacrifícios, doutrina que alimente as almas e as fortaleça no amor do engrandecimento da Pátria e na confiança no Govêrno?

Cumpra tôda a Imprensa o seu dever de função, acima de baixas paixões ou interessículos. Prefira a orientação dos leitores, consoante a doutrina do Estado Novo, à descrição romanceada dos crimes e casos de rua, que, se porventura não pervertem, desviam a atenção das almas do interêsse da Pátria e das ideias sãs. Colabore, assim, com o Estado Novo, com o Govêrno, e ter-se-à enobrecido na tarefa de ajudar a fortificar-se a unidade nacional, nesta hora em que é preciso, mais do que nunca—*sermos todos como um só.*

Os Jogos Florais da E. N.

Êste ano vão realizar-se novamente, mas em bases diversas, os Jogos Florais da Primavera, instituídos pela Emissora Nacional. Vieram já publicadas, nos jornais diários, as bases dêsse concurso literário que todos os anos interessa o país de norte a sul e de oeste a leste— revelando freqüentemente autores novos, poetas desconhecidos.

Êste ano —e num critério digno do melhor aplauso —foram instituidos prémios pecuniários que *completarão*, por assim dizer, os prémios de arte — tradição que se manterá.

As bases dos *Jogos Florais 1942* da E. N. podem ser fornecidas na sede do nosso primeiro pôsto rádio-difusor, em Lisboa, Rua do Quelhas. Pela nossa parte, limitamo-nos a registar aqui o alto sentido intelectual e espiritual desta iniciativa que, êste ano, abrange os sectores mais diversos da vida literária portuguesa: poesia nacionalista, poesia lírica, palestra, teatro radiofónico, etc.

Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da

Sociedade por cótas com séde em Aveiro

Aumento de Capital

Por escritura de 17 do corrente mês, lavrada nas notas do notário desta comarca dr. Inocêncio Fernandes Rangel, foi aumentado o capital da *Emprêsa de Pesca de Aveiro, L.da* com sede em Aveiro, em mais cinco mil contos e modificados os artigos 2.º, 5.º e 10.º do pacto social, pela forma seguinte:

Artigo 2.º

O capital social, já integralmente realizado, passa a ser de 10.000.000$00 (dez mil contos) distribuido pelas seguintes cótas:

Egas da Silva Salgueiro	2.480.000$00
Alfredo Esteves	1.800.000$00
D. Luiz Passanha	800.000$00
D. Diogo Passanha	800.000$00
D. Maria Passanha	800.000$00
Bagão, Nunes & Machado, L.ª	700.000$00
Carlos Roeder	600.000$00
Jeremias Vicente Ferreira	400.000$00
Leonardo José Reis Carvalho	400.000$00
Albino Pinto de Miranda	400.000$00
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes	300.000$00
Livio da Silva Salgueiro (herdeiros)	220.000$00
Manuel Esteves	200.000$00
Francis o Pereira Lopes	100.000$00

Art.º 5.º

§ 3.º — Na ausência do Gerente-Delegado, qualquer dos dois membros restantes do Conselho de Gerência poderá fazer a sua substituïção, assinando tudo o que respeitar ao corpo daquele artigo.

Art.º 10.º

Os lucros líquidos apurados terão, no fim de cada ano social, a seguinte aplicação depois de feita a dedução de cinco por cento para fundo de reserva:

Quatro e meio por cento para o Conselho de Gerencia, sendo três por cento para o Gerente-Delegado; um e meio por cento para o Conselho Fiscal; um e um quarto por cento para o Consultor Técnico e o restante para formação ou reintegração de reservas especiais ou quaisquer outros destinos e distribuição de dividendos, pelas quantias que a Assembleia Geral determinar, sob proposta do Conselho de Gerência.

Aveiro, 10 de Março de 1942.

O ajudante da Secretaria Notarial,

José Robalo Lisboa Júnior

Convocação de crèdores

Por êste meio comunica-se que está designado o dia 11 de Abril próximo futuro, pelas 15 horas, na Delegação da Procuradoria da República desta comarca, para a reünião dos credores na falência de Pompeu da Costa Pereira, de Aveiro, para apresentação e aprovação das contas por parte do administrador da massa falida.

Aveiro, 31 de Março de 1942.

O SÍNDICO,

Dr. Francisco Esmerez de Araújo e Sá

O Administrador da Massa Falida

Manuel da Cruz e Sousa

Correspondências

Eixo, 1

Faleceu, com 46 anos, o sr. Manuel Marques de Pinho, viuvo, proprietário, mais conhecido por Manuel Caixeiro.

Esta morte deu-se em circustâncias um pouco singulares pela causa que a determinou, impressionando, por isso, todo o povo desta terra.

Há meses que o falecido trazia no tribunal de Aveiro uma questão por difamação contra a sua pessoa, visto que, tendo ao seu serviço uma criada, ainda menor, que fôra requestada por um rapaz daqui, também menor, de quem teve um filho, há pouco, os pais daquele, não autorizando o seu casamento, e algumas pessoas de baixo carácter, afirmavam falsamente que a criança era filha do patrão e não do namorado. E foi tal a impressão e desgôsto que lhe causaram os depoimentos falhos de verdade daquelas testemunhas, na penúltima audiência, que, tendo sido atacado por um violento acesso de loucura, há cêrca de dez dias, veio a falecer no mesmo dia e à mesma hora em que, na última audiência, foi lida a sentença, ilibando-o da acusação que lhe faziam, e condenando o verdadeiro autor do delito em 10 contos de indeminização e imposto de justiça e 2 anos de prisão, no caso de não fazer aquela liquidação dentro de um ano. Tôda a gente lamentou, sinceramente, o fim triste do infeliz Manuel Caixeiro, que gozava de estima geral, como o comprovou o funeral que teve.

A seus irmãos Eduardo e João Campos de Pinho, o nosso profundo pesar.

—Também faleceu, com 44 anos, Rosa Martins, solteira.

—Encontra-se gràvemente enfêrma a sr.ª D. Izabel Vieira Lemos.

C.

Esgueira, 2

O grupo cénico do *Recreio Musical*, que tem andado em ensáios, leva à cêna, no dia 12 do corrente, no vasto salão da colectividade, as seguintes peças: *Guardado está o bocado...*, comédia em um acto; *A Sorte Grande*, também comédia, em 3 actos, e *A Coroa de Rosas*, drama em um acto.

Nêste espectáculo tomam parte alguns amadores que já se têm evidenciado no palco, motivo por que redobra o interesse pela exibição do grupo.

—Os nossos lavradores acham-se satisfeitos por o tempo lhes ter corrido de feição, tendo já principiado com os trabalhos agrícolas.

Oxalá que o ano seja abundante a-fim-de atenuar um pouco a crise que se atravessa.

—Encontram-se aqui a passar a Páscoa os nossos amigos Manuel Maia Júnior, empregado nas Finanças em Ancião, e Manuel Nunes Morgado, industrial de panificação em Sacavem.

—Realiza-se domingo e segunda-feira, no visinho lugar de Alumieira, a tradicional festa dos folares, que costuma atraír imensa gente, não só das circunvisinhanças como também da cidade.

C.

Agradecimento

Lauro Vieira Guimarãis, 2.º sargento de Infantaria 10, vem, por êste meio, manifestar a sua gratidão e o seu reconhecimento às pessoas que acompanharam à última morada seu filho e bem assim às que lhe enviaram condolências.

Aveiro, 2 de Abril de 1942.

Comarca de Aveiro

—o—

Arrematação

2.ª publicação

No dia quatro do próximo mês de Abril, por 12 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, à Praça da República e nos autos de execução fiscal e Administrativa promovida pela Fazenda Nacional contra a executada Maria da Conceição Rangel Barbosa, menor, representada por sua mãe Maria da Conceição Rangel, viúva doméstica, n'esta cidade, vão ser postos em praça para serem arrematados, pelos maiores lanços que forem oferecidos, acima dos valores infra designados, penhorados na mencionada execução, os seguintes móveis:

O direito e acção de 3/10 avos n'uma caca, sita na Rua de José Estêvão, d'esta cidade, descrita na Conservatória do Registo Predial desta comarca, sob o n.º 6029, no valor de 7.824$00;

E o direito e acção a 19/50 avos d'uma casa de habitação, na Rua José Estêvão, d'esta cidade, descrita no mesmo Conservatório sob o n.º 28.126 no valor de 8.428$40.

Pelo presente são também citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos para assistirem à arrematação e usarem nela de seus direitos, querendo.

Aveiro, 20 de Março de 1942.

Verifiquei.

O Juiz de Direito da 2.ª Vara

A. Fontes

O Chefe da 1.ª Secção

António Augusto dos Santos Victor

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	20$00
Semestre	10$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$40

Os recibos, cobrados pelo correio, são acrescidos de mais 1$00.

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.